

**Participação de jovens em uma
comunitária autêntica
e em três autorizadas de Juiz de Fora**

Cláudia Regina LAHNI*
Fernanda COELHO**

Resumo

Pensar sobre as questões que envolvem a juventude brasileira justifica-se pela situação de fragilidade em que ela se encontra. A mídia massiva, em geral, limita os jovens aos temas “violência e drogas”. Diante da importância da mídia para a (re) formulação de identidades e do exercício do direito à comunicação para cidadania, as rádios comunitárias constituem-se em um espaço de resistência. Porém, é preciso estabelecer os critérios que diferenciam uma rádio supostamente comunitária de outra, comunitária autêntica. E, a partir deles, fez-se uma análise da autenticidade e da participação juvenil nas três rádios autorizadas como comunitárias em Juiz de Fora (Trans, Life e Objetiva FM) e um estudo comparativo dessas emissoras com a Mega FM, uma comunitária autêntica.

Palavras-chave: Cidadania. Identidade. Participação juvenil.

Abstract

To think on the questions that they wrap the Brazilian youth is justified by the situation of fragility in which she is. The media massiva, in general, limits the young persons by the subjects “violence and drugs “. Before the importance of the media for the (criminal) formulation of identities and of the exercise of the right to the communication for citizenship, the communitarian radios are constituted in a space of resistance. However, it is necessary to establish the criteria that differentiate a radio supposedly communitarian of other one, communitarian authentic. And, from them, it did to itself an analysis of the authenticity and of the youthful participation in three radios authorized how communitarian in Judge of Out (Trans, Life and Lens FM) and a comparative study of these broadcasting stations with the Mega FM, the communitarian authentic one.

Keywords: Citizenship. Identity. Youth participation.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF.

Introdução

A nossa sociedade adultocêntrica oprime e exclui os jovens. No Brasil a situação não é diferente. Os adolescentes brasileiros, em especial os pobres e negros, são as principais vítimas e agentes da violência. No primeiro item apresentamos dados preocupantes.

A violência, as drogas e a prostituição fazem parte do cotidiano de grande parte dos jovens. Porém, suas vidas não se resumem a isso. Esta afirmação parece óbvia mas, os meios de comunicação de massa insistem em limitar os jovens pobres a esses três temas.

Essa relação entre mídia massiva e juventude preocupa devido a importância que a mídia adquire na (re) formulação das identidades. A mídia massiva acaba contribuindo para atrelar o jovem ao estereótipo de “pobre”, “violento”, “drogado”, “arruaceiro” e tantos outros. Esse cenário se agrava pela ausência de espaço para a participação de jovens no processo comunicativo.

A participação na comunicação tem sido apontada como uma maneira importante de exercer cidadania. Apesar da importância do exercício da comunicação, em especial para os jovens, os meios massivos, em geral, não oferecem espaço para que o cidadão desfrute de um direito que é seu. Também não proporcionam a reflexão do conteúdo e tampouco a participação direta na elaboração de uma mensagem. Nesse contexto, a comunicação comunitária, por intermédio das rádios, pode ser um espaço para esse exercício.

Os meios comunitários, todavia, nem sempre se constituem em um espaço de comunicação para a cidadania. Para verificar tal questão em Juiz de Fora pesquisamos a presença e a participação de adolescentes na comunicação, de forma específica nas três rádios autorizadas como comunitárias do município; a Trans FM, a Life FM e a Objetiva FM. O trabalho analisa estas emissoras, a partir do exemplo de uma comunitária autêntica de Juiz de Fora – a Mega FM.

Juventude e violência

No artigo *Juventude, favelas e os grandes meios de comunicação* Jaílson de Souza e Silva (2005) aborda o preocupante aumento do número de assassinatos de jovens no nosso país. Entre 1991 e 2000 o aumento dessas mortes foi de 76%. O fato se agrava quando se trata de jovens negros e de periferia.

Para Silva (2005) ser negro, jovem e morador da periferia ou da favela é portar um *kit estigma* que gera um risco cotidiano de perder o direito mais fundamental do ser humano, o de sobreviver. Conforme o pesquisador, encontrar caminhos para combater esse fenômeno talvez seja a questão mais relevante para a construção de uma vida mais digna e humana nos grandes centros brasileiros atuais. E na busca de melhor se compreender este fenômeno, cabe levar em devida conta o papel dos grandes meios de comunicação na difusão de uma representação estigmatizante da juventude negra e pobre.

Identidade juvenil e mídia

A mídia atua de forma decisiva na construção da identidade juvenil. Essa atuação tem ainda maior poder quando nos referimos à juventude pobre. Em seu artigo *Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais*, a pesquisadora Denise Cogo (2004) aponta três cenários para reflexão sobre mídia e identidades culturais. O primeiro deles é o das mídias como matrizes configuradoras das identidades culturais, o segundo refere-se às estratégias e políticas de visibilidade midiática das experiências identitárias dos movimentos sociais e o último deles é o cenário das demandas por cidadania. No primeiro desses três cenários, das mídias como matrizes configuradoras das identidades culturais, Cogo aponta que:

mais do que meros dispositivos técnicos, mídias como televisão, o rádio ou a internet passam a atuar como instâncias que atribuem visibilidade às ações de outros campos sociais e instituições e propõem e asseguram modos próprios de existência e estruturação de realidades pertinentes a esses campos. (COGO, 2004, p.43)

A partir da colocação da pesquisadora podemos inferir o poder que a mídia tem em relação àqueles que não são agentes dela. A juventude pobre enquadra-se bem nesse perfil. Os jovens moradores de periferias viram notícias, na maioria das vezes, apenas sob o pano de fundo da violência. Se a primeira ligação que a sociedade faz em relação aos jovens das favelas e periferias é com a violência, a miséria econômica e cultural, muito se deve à mídia. Para Silva (2007), no texto *A violência da mídia*, a mídia contribui, mais do que qualquer outra instituição, para a consolidação e a difusão de conceitos estereotipados.

O jovem oriundo das classes menos favorecidas, além de tantos direitos não respeitados, também não tem acesso ao direito à comunicação. Não se vê nos meios massivos (salvo em casos de violência e tráfico de drogas) e tão pouco tem acesso à produção de informação.

Rádios Comunitárias

As rádios comunitárias surgem, no cenário atual, como um meio de democratizar a comunicação e a informação e como forma de resistência da cultura local diante da globalização. Para ser considerada eminentemente comunitária, autêntica, esse tipo de rádio deve atender algumas características, segundo Peruzzo (1999, p.418/419):

- Não devem ter fins lucrativos e sim ser um produto da comunidade;
- devem ter vínculo orgânico com a realidade local, tratando de seus problemas, interesses e cultura;
- a programação deve ser interativa, permitindo acesso do público ao veículo;
- devem valorizar e incentivar a produção e transmissão de culturas locais;
- devem ter compromisso com a educação e cidadania;
- devem democratizar o poder de comunicar.

Porém, a comunicação no Brasil sofre um embate entre a autenticidade de uma comunitária, que atenderia às características apontadas, contra o uso individualizado, comercial ou ainda prática de proselitismo político-partidário e religioso. As concessões de rádios comunitárias para outros usos que não o comunitário é um fato comum no país. A partir dessa problemática, a autora distingue os tipos de rádios comunitárias: 1) As eminentemente comunitárias 2) As que prestam algum serviço de utilidade pública, mas estão sob controle de poucas pessoas, sendo sua finalidade maior a venda de espaço publicitário. 3) Estritamente comercial, similar a emissoras convencionais, sem vínculo direto com a comunidade local, embora às vezes preste serviços de utilidade pública. 4) As que fazem proselitismo político-ideológico-partidário. 5) E as que se prestam ao proselitismo religioso. (PERUZZO,1999, p.417/418)

Vale ressaltar que a mídia comunitária é caracterizada pelo papel de protagonista das pessoas, pelo objetivo de divulgar assuntos específicos das comunidades, que geralmente são esquecidos pela grande imprensa. A estratégia usada para tal é a participação direta das pessoas do lugar. Produtor, redator e locutor são cidadãos comuns, não necessariamente profissionais.

Rádios Comunitárias autorizadas em Juiz de Fora

De acordo com o *site* do Ministério das Comunicações (<http://www.mc.gov.br/>, acessado em 21 de maio de 2007), três entidades têm autorização para colocar emissoras no ar como comunitárias em Juiz de Fora: o Centro Educacional e Cultural da Zona Norte, a Associação Comunitária Amigos do Rádio de Juiz de Fora e a Sociedade Radiodifusora Life de Juiz de Fora. Conforme o *site* do Ministério das Comunicações, a única que tem licença definitiva é o Centro Educacional e Cultural da Zona Norte. Segundo os conceitos de rádio comunitária e rádio comunitária autêntica elencados por Peruzzo, analisamos as três rádios com concessão de comunitária em Juiz de Fora.

Rádio Trans FM

Durante a pesquisa, tivemos dificuldade em localizar a emissora, pois não funcionava no endereço indicado. Inicialmente localizamos a rádio no bairro de Benfica, Rua Angelino Mariano, nº 60. Desde que entrou em funcionamento, em 2003, a rádio ficou sem funcionar seis meses, segundo o coordenador, Cláudio Silva Carvalho.

Na segunda visita não obtivemos informações precisas, somente que a rádio estava no bairro Araújo, funcionando apenas com músicas, pois os equipamentos estavam no conserto. Em nossa última visita, no dia 23 de outubro de 2007, a Trans estava funcionando em uma das lojas do Centro Comercial de Benfica, que se localiza na Avenida Jucelino Kubitschek, nº 6.911. Nesse dia a rádio estava devidamente instalada e funcionando, porém não havia telefone.

Programação e participação juvenil

A programação é composta, basicamente, por músicas e vinhetas, mas nenhum conteúdo diferenciado foi apresentado, com exceção das mensagens da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) e da Pastoral da Criança. Além da hora, nada mais foi veiculado. A rádio não faz jus a sua concessão.

Em apenas sete horas de escuta, foram anotadas 30 vinhetas diferentes, sendo que várias foram repetidas mais de uma vez. Com isso percebemos o vazio da programação. A maioria das vinhetas fala bem da rádio, de sua alta qualidade e de como ela é importante para o seu ouvinte.

A rádio toca diversos ritmos, mas, privilegia músicas internacionais. Não há espaço para artistas locais. Não registramos a participação da comunidade na emissora e tão pouco de jovens. Nenhuma ligação ocorreu na escuta e nenhuma voz, além das vinhetas, foi percebida. Nenhuma das características apontadas por Peruzzo, foi encontrada na rádio escuta.

Logo, concluímos que a rádio Trans FM não apresenta vínculo orgânico com a comunidade. O compromisso com a educação e cidadania foi deixado de lado para que apenas houvesse uma mera reprodução de uma rádio comercial. E o mais agravante é que uma rádio comercial ainda consegue ter mais compromisso social que essa rádio comunitária, pois nada, nenhuma informação ou boletim, programa educativo ou um programa musical comentado foi feito. Portanto, através dessa rádio escuta percebemos que a Trans FM não é uma rádio comunitária autêntica.

Rádio Life FM

O coordenador da Life é André Mariano, filho do vereador de Juiz de Fora Pastor Mariano (PSDB). Ele explica que a Life foi uma concessão obtida através do apoio do Pastor Mariano. Para legitimar este apoio, André Mariano argumenta que a comunidade evangélica reivindicou este canal de comunicação ao vereador, como qualquer comunidade que reivindica melhorias para sua vida pública. No entanto, de acordo com as exigências técnicas na elaboração de uma rádio comunitária, a concepção de comunidade utilizada é não outra senão a geográfica. Afinal, todas as comunitárias atuam numa mesma frequência, com uma potência limitada. Com isso, podemos presumir que a comunidade evangélica que se localiza fora da região leste de Juiz de Fora – que é a região na qual a Rádio esta localizada, conforme mencionado anteriormente – não é beneficiada com a rádio. Apesar da indicação de Mariano de que a emissora abrange a região central da cidade e parte da Zona Sul.

Programação e participação juvenil

Na programação da rádio há apenas um programa ao vivo que é destinado ao público jovem da rádio. O “Geração Forte – uma geração que veio para ficar” que é veiculado aos sábados, das 15h às 17h. Durante o programa os locutores trazem um testemunho de fé de um ouvinte, músicas gospel e alguma interação através do telefone. Fora o Geração Forte, a programação tem um enfoque musical.



Além deste trabalho dentro do estúdio, a rádio também participa de ações locais junto a empresas, que focalizam o público jovem, conforme Mariano. Essas ações incluem entrega de cestas básicas e programações culturais. Marta Regina Maia (1994, p.4) alerta para a programação das rádios evangélicas caracterizada pelo apelo à emoção e ao sensacionalismo. Na narração dos locutores é possível observar o uso de palavras atrativas e também presentes em sermões e pregações de seus representantes religiosos - palavras como “cura”, “milagre” e “salvação” são mencionadas.

No entanto, a situação de maior destaque ocorre quando essas emissoras utilizam a programação para palco eleitoral de pastores e políticos partidários aos grupos religiosos, proprietários das rádios. Situação descrita por Sônia Virgínia Moreira (1998, p.122) sobre a exploração do rádio como recurso político e religioso. “Afinal, essa era uma atividade presente no currículo de quase todos os candidatos evangélicos, com variações sutis apenas quanto à forma de abordagem dos ouvintes”.

As rádios com concessão de comunitária que priorizam, em sua programação, argumentos, músicas e valores que expressam uma única posição religiosa contrariam a Lei 9.612/98, assim como os estudos que caracterizam as comunitárias autênticas.

Com isso, podemos resumir que a Life FM atende a algumas demandas que uma rádio comunitária concebe, como ações solidárias, segundo seu coordenador, e sem fins lucrativos. Porém, a emissora não se constitui com uma participação da comunidade na elaboração das mensagens e não indica uma característica plural em sua grade de programação.

Rádio Objetiva FM

Atualmente a rádio Objetiva é coordenada por Marcelo Glicério de Ávila Gomes “Marcelo Chacal”, que tem 23 anos. Segundo o coordenador, que também é locutor e produtor, a rádio entrou em funcionamento no dia 13 de dezembro de 2002 e surgiu da idéia de Antônio Almas¹, que criou a Associação Comunitária Amigos do Rádio.

A rádio conta com dez locutores e três DJ's participantes. Os locutores são: o próprio Marcelo, Itamar, Tony, Marcos, Dalvan Luís, Alex, Marcão, Ramon, Renato e David. A equipe de DJ's é composta pelo “DJ Fei” e outros convidados ocasionalmente. A locução conta ainda com Pastor Alessandro e representantes da Igreja Católica, que fazem o programa “Ave Maria”.

Programação e participação juvenil

A programação da rádio é basicamente musical. Porém, os jovens participam criando programas como os quais se identificam. Como o “A voz do gueto”, programa de hip-hop nacional com locução de Lucas Alvim (David). Na Objetiva também há programas religiosos, porém, não há exclusividade para uma religião. Há programas evangélicos e católicos na grade e, segundo o coordenador, há espaço para todas as religiões.

Já sobre as formas de participação na rádio o coordenador revela: “Recebemos muitos telefonemas por dia, uns 50. A maioria vem do bairro Monte Castelo, Industrial, Milho Branco, Cerâmica e Barbosa Lage. De 10 a 15 telefonemas por programa.” Marcelo diz, ainda, que diversos grupos participam da rádio e que já realizaram debates



sobre problemas do bairro com a SPM (Sociedade Pró-Melhoramentos), mas não o fazem mais.

Segundo Marcelo, coordenador da rádio, a imensa maioria da audiência da emissora é de jovens, que participam apenas ouvindo. A segunda maior forma de participação juvenil se dá através dos telefonemas de jovens para pedir músicas. Participando mais efetivamente temos Dalvan Luiz. Ele é o único locutor que está na faixa etária tomada por esse trabalho (12 a 19 anos). Dalvan tem 18 anos e está cursando o 1º ano do ensino médio. O jovem é morador do Jardim Natal, bairro que freqüentemente é notícia devido à violência entre grupos de jovens rivais. O rapaz participa da rádio como locutor. Apesar de não atuar na produção, nem na gestão da emissora, Dalvan acredita que a participação na rádio é “fundamental para sua vida”.

Nos programas da emissora não são abordadas temáticas relacionadas aos jovens. À juventude ouvinte da rádio é oferecido apenas conteúdo musical. Havia um programa informativo, que, segundo Dalvan, era feito por estudantes de comunicação de uma faculdade particular da cidade. Como tais estudantes pararam de fazer o programa, a rádio ficou sem nenhum conteúdo jornalístico.

Na programação musical não há participação de artistas locais. As músicas são, em geral, as mesmas que tocam nas comerciais. Não há grande preocupação com a identidade cultural dos jovens. A única exceção talvez seja o programa “A voz do Gueto”, que dá espaço ao hip-hop nacional. As músicas abordam temas ligados ao cotidiano dos jovens ouvintes. Além de ter identificação com a cultura negra, que compreende grande parte da área atingida pela rádio.

Podemos observar que a Objetiva FM, apesar de não se enquadrar em todos os critérios, elencados por Peruzzo, para definir uma rádio comunitária autêntica apresenta características importantes para uma mídia alternativa. A rádio não tem fim lucrativo, paga suas contas através de recursos vindos dos apoios culturais, tem programação interativa, todo o público tem acesso à programação através de telefonemas e visitas à rádio e, o principal, abre espaço para a participação, em especial, dos jovens. Segundo o coordenador, Marcelo, as portas da emissora estão abertas para “boas idéias” na programação.

Apesar de a emissora reproduzir, em grande parte, a programação das rádios comerciais e de não haver espaço para artistas locais, há a valorização da cultura negra, da qual grande parte dos ouvintes faz parte. Tal valorização aparece através do programa de hip-hop, produzido por jovens negros.

Embora não haja um compromisso mais efetivo com a educação e a cidadania os jovens envolvidos na rádio têm, em certa medida, a oportunidade de exercer o direito à comunicação. Programas jornalísticos, feitos pelos próprios integrantes da comunidade e não por alunos de faculdades particulares poderiam dar aos membros da rádio a oportunidade de ter voz, de expressar suas opiniões e de produzir um conteúdo diferenciado da mídia comercial.

A autêntica Mega

Gestão coletiva, programação diversificada e portas e microfones abertos à participação foram algumas das características que fizeram da Mega FM uma rádio comunitária autêntica. O termo define uma emissora feita pela e para a comunidade, de



fato, como foi a Mega, comunitária situada no bairro Santa Cândida, na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, que atuou de 1997 a 2005. Sua constituição como autêntica e as possibilidades de cidadania associadas à participação na rádio já foram apontadas em outro trabalho (Lahni, 2005).

Fatos diversos mostram o reconhecimento alcançado na cidade e também em nível nacional pela Mega FM, graças à sua importância e à congregação de pessoas feita pela Rádio. Entretanto, a emissora teve seu transmissor lacrado pela Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), em 2003. Teve o pedido de deslacre denegado por Brasília, em 2004. Em 2002, seu pedido de autorização foi negado pelo Ministério das Comunicações, que garantiu concessão, na mesma área, a uma rádio evangélica, a Life. Em 2004, a Mega foi informada pelo Ministério das Comunicações que seu novo pedido de autorização e de revisão do processo foi arquivado, em função da existência na região de outra rádio “comunitária”, a Life. Em 2005, dois coordenadores da Mega foram processados.

Várias pessoas participaram da Rádio, fazendo programas radiofônicos, contribuindo pessoal ou financeiramente, enviando cartas e ligando para a emissora que no começo a Rádio recebia uma média de 60, 70 telefonemas por dia. Em 2003, essa média girava em torno das 40 ligações diárias.

O espaço dos jovens na Mega incluía a participação como produtores e receptores ativos de programas radiofônicos. Sua última grade de programação tinha 31 programas dos quais 12 eram feitos por jovens e mais três tinham jovens como público e eventuais participantes (Entrando no Jogo – de capoeira -, Mega Radical Rock e Hip-Hop Brasil). Assim, os jovens eram produtores de metade da programação da Mega, já que alguns programas entravam na grade mais de um dia na semana e ocupavam um horário maior que os demais.

Em pesquisa realizada junto a moradores dos bairros Santa Cândida, São Benedito e Vila Alpina (Alonso e Lahni, 2003) também constatamos a importância da Mega. A moradora Maria de Lourdes, de 65 anos, comentou: “ela [Mega] é um orgulho pra nós, aqui em cima [alto do bairro Santa Cândida]. Ajuda a gente dando informações de saúde, de denúncia e tira essa molecada das ruas.” Já a moradora Cristiane, de 12 anos, contou: “eu gosto da Mega, porque praticamente cresci ouvindo [...]. Ela já esteve no colégio [Escola Municipal Santa Cândida], nas festas de rua”.

Como pudemos acompanhar, a Rádio Mega FM era um espaço importante para crianças, adolescentes e jovens. Nela, eles participavam como produtores e público ativo. Vários programas eram voltados e feitos por jovens, contribuindo assim para sua identidade e cidadania, o que era reconhecido tanto por moradores dos bairros próximos como pela cidade de uma forma geral.

Considerações finais

A mídia atua de forma decisiva na construção de identidades e dos estereótipos que circulam na sociedade. Com os jovens, em especial os negros e moradores das periferias, não é diferente. Como vimos, esse jovem raramente se vê retratado nos meios de comunicação e, quando ganham notoriedade isso se dá sob o pano de fundo da violência, das drogas e da prostituição. Esses são problemas que fazem parte do

cotidiano dos jovens da periferia assim como a arte, o trabalho e a cultura também fazem. Então, porque relacionar a juventude negra e periférica exclusivamente à violência, drogas e prostituição? Acreditamos que para fazer frente a essa situação não é preciso buscar soluções mirabolantes, é preciso apenas trazer os conceitos de uma comunicação plural e democrática da teoria para a prática.

Os veículos comunitários surgem como forma de resistência a essa comunicação centralizada e devem dar voz àqueles que a mídia massiva exclui. As rádios comunitárias autorizadas de Juiz de Fora com concessão, (Trans, Life e Objetiva FM), conforme análise, apresentam problemas. Em diferentes escalas essas rádios não abrem espaço para a participação efetiva de jovens e, quando essa participação existe, fica limitada a telefonemas. Por outro lado, na rádio Mega FM, que não recebeu concessão, havia intensa participação dos jovens o que contribuía para o fortalecimento da identidade deles.

Nota

¹ Antônio Almas, médico e político do PSB, foi vereador de Juiz de Fora por duas vezes consecutivas (1993 – 2000).

Referências

- BRASIL. Lei 9.612/98, de 19 de fevereiro de 1998. Em HELENA, Senadora Heloísa – e Coletivo Nacional Pestista de Rádios Comunitárias. **Como montar rádios comunitárias e legislação completa**. Brasília (DF), Senado Federal, 2000.
- COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: PERUZZO, Cicilia. **Vozes cidadãos - Aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. São Paulo: Angellara, 2004, v. 1, p. 41-56.
- LAHNI, Cláudia Regina; ALONSO, Evandro. Juventude e Rádio Comunitária Mega: uma parceria de moradores para a inclusão social. **Principia**, Juiz de Fora, v. 9, p. 136-147, 2004.
- _____. **Possibilidades de cidadania associadas à rádio comunitária juizforana Mega FM**. São Paulo, USP, Escola de Comunicações e Artes, 2005. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação.
- MAIA, Marta Regina. **A sonoridade da fé: programas evangélicos no rádio campineiro**. In: XVII Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, 1994, Piracicaba. XVII Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, 1994.
- MOREIRA, S. V. **Rádio Palanque - fazendo política no ar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Participação nas rádios comunitárias no Brasil**. In: BRANCO, Samantha Castelo e MELO, José Marques de (orgs.). **Pensamento comunicacional brasileiro: o grupo de São Bernardo (1978-1998)**. São Bernardo do Campo (SP), Umesp, 1999, p. 407-423.
- SILVA, Jaílson de Sousa e. **Juventude, favelas e os grandes meios de comunicação**. Disponível em: www.fazendomedia.com/novas.com.br. 1995. Acesso em: 20 fev. 2007. ISBN 151105.
- _____. A violência da mídia. In: _____. **Mídia e violência: novas tendências de cobertura decriminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: CESeC, 2007. Paginação irregular.

Rádio escuta

- 19 e 20 de novembro de 2006 nas rádios Trans FM, Objetiva FM e Life FM.

Entrevistas

BISPO, Adenilde. Entrevista concedida à Cláudia Regina Lahni, em 20 de maio de 2003.

Internet

Site do ministério das comunicações. <http://www.mc.gov.br/>. Acesso em 21 de maio de 2007.